

TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 8 n° 30 primavera 2008

| PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA | 3.5 EUROS

GOLFINHOS PORTUGUESES
SOMIEDO – TÃO PERTO DO PARAÍSO



Cartaxo-comun (*Saxicola rubetra*) © José Projecto

DESTAQUES DA PRIMAVERA

Se há ser que quase unanimemente desperta a faceta conservacionista das pessoas, esse ser é o golfinho. Pouco se sabia do comportamento e distribuição dos golfinhos na costa portuguesa, conhecimentos fundamentais para uma intervenção em prol da conservação da espécie. Essa falha vem, aos poucos, sendo colmatada e o biólogo André Moura (Universidade de Durham) é um dos investigadores que está a estudar a espécie em águas nacionais e, levando a **Tribuna da Natureza** até ao mar, revela a evolução das suas pesquisas, relatando as dificuldades do estudo mas também os prazeres de uns dias em alto-mar em contacto pleno com estes mamíferos marinhos. Já em terra firme, a **TN** dirige-se à província das Astúrias, no norte da Península Ibérica, pródiga em riquezas naturais. Mas talvez o seu mais belo e valioso tesouro natural seja o Parque Natural de Somiedo, com relevos imponentes e um coberto vegetal de tirar o fôlego, e a prova de que é possível uma convivência harmoniosa entre Homem e Natureza. Miguel Dantas da Gama dá a conhecer a história do parque e alguns dos mais interessantes locais de Somiedo e as fotografias da última deslocação da **TN** àquela terra de ursos. E como que a lembrar-nos que raramente a harmonia entre os humanos e a natureza é conseguida e que essa é uma realidade debatida desde há muito, José Carlos Costa Marques dá-nos a conhecer a vida e a obra poética de Robinson Jeffers, escritor americano da primeira metade do séc. XX mas com temáticas tão actuais.

4



12



20

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama REDACÇÃO | Raul Lima - Editor · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · Luís Rodrigues · Paulo Santos DESIGN | Cristina Dordio ILUSTRAÇÕES | José Projecto ASSINATURAS/PUBLICIDADE | Fernando Silva COLABORARAM NESTE NÚMERO | André Moura · Catarina Silva · José Carlos Costa Marques · Luísa Marques · Manuela Viola · Sónia Ferreira EDIÇÃO E PROPRIEDADE | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens ENDEREÇO | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: geral.fapas@sapo.pt Página web: www.fapas.pt REGISTO ICS | 123453 DEPOSITO LEGAL | 146895/00 TIRAGEM | 3000 exemplares IMPRESSÃO | Inova Artes Gráficas Publicação independente aberta a pessoas e Instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

CAPA | Golfinho-comum (*Delphinus delphis*)
© A. Moura

Há já algum tempo que o Parque Natural de Somiedo, nas Astúrias, estava na «calha» para ser tema de um Grande Destaque nas páginas da **Tribuna da Natureza**. E por duas grandes razões. Porque tem sido um dos destinos mais assíduos da nossa equipa redactorial e porque o vemos como um bom exemplo de como a conciliação dos interesses da população residente numa área protegida com a preservação da sua Natureza não só é realmente possível como especialmente recomendável.

Conhecemos Somiedo desde que se tornou um espaço classificado e o facto de este ano se completarem 20 anos sobre a sua criação é uma boa razão para – associando-nos à efeméride – meditarmos sobre uma realidade incontornável. No nosso país, tal como em Espanha, conservar a natureza obriga a esta concertação de interesses porque não restam mais espaços naturais onde o Homem não esteja presente de uma forma permanente e a depender dos seus recursos.

Isso é positivo, é natural, dirão muitos, porque o Homem é (apenas) uma espécie mais que faz parte da Natureza. Será mais correcto dizer-se que isso passou a ser inevitável. Porque, lamentavelmente, o Homem não é apenas mais uma espécie no Meio em que se insere. E todos sabemos porquê.

Somiedo não será (ainda?) o paraíso com que sonhamos. Faltam mais lobos para equilíbrio dos seus ecossistemas, ainda se pra-

tica a caça no seu interior, poderão ser lamentos avançados pelos conservacionistas. Mas conferindo a paisagem praticamente intocada, que se mantém, antevendo-se uma possível salvação da (ainda) ameaçada população cantábrica de urso-pardo e o que isso representa, e podendo concluir-se que tudo isto é possível com uma melhoria efectiva das condições de vida da população residente – a subida de posição de Somiedo no «ranking» dos concelhos asturianos, no que se refere ao rendimento per capita da sua

população, fala por si –, o mais antigo parque natural asturiano é um dos melhores exemplos do que mais próximo andarão do que todos anseiam alcançar.

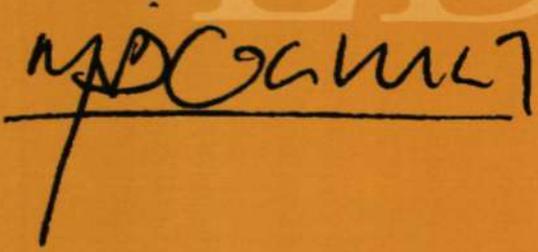
Mas se compararmos a realidade somiedana com a com que, de uma forma generalizada, nos confrontamos em terras lusas, podemos ser mais categóricos na afirmação de que Somiedo não andarão muito longe do Éden. Mesmo tendo em conta algumas realidades não comparáveis, o que aí se verifica contrasta muito com a política de terra queimada e a falta de visão estratégica que por cá prevalece. Não se valoriza convenientemente o património natural, não se sabe parar quando o mesmo é colocado em causa por interesses imediatos, não se trabalha de uma forma persistente e a longo prazo como a Natureza exige para que seja efectivamente preservada. A sugestão que nos permitimos fazer a quem não subscreve esta visão é que avalie com objectividade e imparcialidade o verdadeiro estado de conservação dos nossos espaços naturais («status» do coberto vegetal autóctone, das populações de fauna selvagem, da paisagem). E depois que questione quem neles reside no sentido de saber se está satisfeito. Antecipando o resultado que se nos afigura óbvio, só restará reconhecer o equívoco, que não nos temos cansado de denunciar. Em Portugal soa a falso o discurso da necessidade de «conciliar os interesses da conservação da natureza com os das populações que com ela convivem». É um discurso usado para intervir de uma forma que mais agrava a degradação do Meio sem que tal signifique melhoria efectiva da qualidade de vida de quem nele reside.

Mas se entre nós é já demasiado tarde para que o urso-pardo possa funcionar como uma forte motivação para trabalhar, não faltarão muitas outras fontes de interesse a justificar um grande esforço conjunto. Haja (houvesse?) vontade e empenho político nesse sentido.

É com particular satisfação que neste trigésimo número da Tribuna da Natureza publicamos um artigo sobre fauna marinha, assinado por André Moura, biólogo que no Reino Unido desenvolve trabalho de investigação sobre os cetáceos na costa portuguesa. Esperamos que constitua o primeiro de vários trabalhos sobre as questões do mar, vastíssimo campo do maior interesse do qual temos estado muito arredados. Contra a nossa vontade.

EDITO RIAL

Da montanha ao mar



Barómetro da estação

Merece ficar registado o facto – positivo – de neste momento todas as Áreas Protegidas portuguesas disporem de planos de ordenamento (PÓ) aprovados. Foi uma árdua empreitada que levou anos e anos a ser concluída, o que muito penalizou a preservação dos valores naturais a salvaguardar. Mas não ficamos descansados. Assegurou-se algo necessário mas não o suficiente. Todos sabemos, por experiência, que em Portugal aprovar leis não significa que elas sejam cumpridas. E os territórios abrangidos pelos PO estão sempre sujeitos a PINs – projectos de interesse nacional – e inúmeros outros designios que lamentavelmente não levam tanto tempo a serem concretizados.

SOL DEMASIADO TROVEJADO

GOLETA

Quando estamos a 10 milhas da costa, sem terra à vista e rodeados de milhares de Delphinus delphis, percebemos porque tem sido até hoje tão difícil conhecer a biologia e a ecologia destes animais. Mesmo rodeados de tantos indivíduos é incrivelmente difícil fazer algo tão simples como retirar um pequeno pedaço de pele para análise genética. Primeiro, a biópsia não pode ser feita de qualquer forma. Retira-se onde a camada de gordura é mais espessa, imeditamente abaixo da barbatana dorsal, minimizando assim o seu impacte. Depois, é preciso escolher o comportamento certo. Mesmo num grupo tão numeroso como este pode ser observada uma variedade notável de comportamentos, sendo que nem todos reagirão bem à biópsia. Procuramos indivíduos que venham nadar na proa, que não estejam acompanhados de crias, e claro está, evitar as crias. Distinguir adultos de sub-adultos pelo tamanho pode ser difícil, e

como tal escolhemos aqueles que são visivelmente maiores. No entanto, estes são também os mais desconfiados e mais difíceis de amostrar. Como dizia o filme, o maior peixe do rio fica assim por não se deixar apanhar! É também preciso esperar pelo momento certo para recolher a biópsia. Se falharmos, é possível que o barulho feito pelo dardo a entrar na água perturbe o animal mais do que a biópsia em si, dificultando bastante a amostra-

CETÁCEOS PORTUGUESES

ESTUDO DA NATUREZA

TEXTO • André Moura

School of Biological and Biomedical Sciences, Durham University

FOTOGRAFIAS • André Moura, Catarina Silva, Manuela Viola

gem. Só se dispara quando se tem a certeza de acertar. Finalmente, tudo isto com um animal que consegue facilmente nadar mais depressa do que a grande maioria dos barcos e cuja resistência ultrapassa largamente os mais comuns depósitos de combustível.

O conhecimento sobre os cetáceos da nossa costa é ainda bastante limitado. Até há pouco tempo, os únicos dados disponíveis para a costa continental portuguesa provinham apenas de alguns estudos isolados. Mesmo a nível mundial, a investigação em cetáceos apenas se começou a desenvolver nas décadas de 1960/70. Apesar de nessa altura já existirem organizações não governamentais dedicadas a lutar pela sua conservação (a «American Cetacean Society» foi fundada em 1967), as primeiras sociedades científicas apenas foram criadas na década de 80. Em 1981 é criada a «Society for Marine Mammalogy» nos

Estados Unidos da América, e em 1985 a mesma publica a primeira edição da revista «Marine Mammal Science», dedicada exclusivamente a artigos científicos sobre mamíferos marinhos. Em 1986 é criada na Europa a «European Cetacean Society». Desde então que vários estudos têm sido feitos sobre a biologia e ecologia dos cetáceos na Europa. Estes têm, em grande medida, revelado muitos dos mistérios que estes animais guardam, mas também, à medida que mais informação vai sendo recolhida, novas perguntas ficam por responder.

Registos de arrojamentos indicavam já que o golfinho-comum (*Delphinus delphis*) seria a espécie mais abundante na costa Portuguesa. No entanto, apenas recentemente se percebeu que esta espécie pode ter em Portugal um habitat bastante importante. Estudos de morfologia indicam que os animais arrojados na costa Portuguesa apresentam diferenças significativas no tamanho do crâneo relativamente ao resto da Europa. A ecologia alimentar deste animais parece também ser diferente na costa portuguesa relativamente a outras regiões próximas, como o Golfo da Biscaia. Esta diversidade indica que algo de diferente se passa na nossa costa, mas pode ser devida a diferentes razões. Uma delas pode ser a existência de um maior efectivo populacional na nossa costa. Sendo a mais Atlântica da Europa, podem arrojar nela várias populações mais oceânicas e assim criar a ilusão de uma maior diversidade relativamente às populações do Norte da Europa (onde a espécie é menos comum) e do Mediterrâneo onde o golfinho-comum tem sofrido reduções populacionais drásticas nos últimos anos. Sendo assim, esta maior diversidade prende-se apenas com o facto de na nossa costa arrojarem animais de diferentes populações, ou sub-populações, mais oceânicas. No entanto, o roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*) revelou também ter maior diversidade genética na costa Ibérica do que no resto da Europa. Embora o mesmo possa estar a acontecer, esta espécie é bastante menos abundante na nossa costa do que o golfinho-comum, e a diferença entre áreas adjacentes (Mediterrâneo e Norte da Europa) é bastante menos acentuada. Como tal, outra hipótese é que esta variabilidade resulta da adaptação a uma



ções mais oceânicas e assim criar a ilusão de uma maior diversidade relativamente às populações do Norte da Europa (onde a espécie é menos comum) e do Mediterrâneo onde o golfinho-comum tem sofrido reduções populacionais drásticas nos últimos anos. Sendo assim, esta maior diversidade prende-se apenas com o facto de na nossa costa arrojarem animais de diferentes populações, ou sub-populações, mais oceânicas. No entanto, o roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*) revelou também ter maior diversidade genética na costa Ibérica do que no resto da Europa. Embora o mesmo possa estar a acontecer, esta espécie é bastante menos abundante na nossa costa do que o golfinho-comum, e a diferença entre áreas adjacentes (Mediterrâneo e Norte da Europa) é bastante menos acentuada. Como tal, outra hipótese é que esta variabilidade resulta da adaptação a uma

Foto Manuela Viola ▶

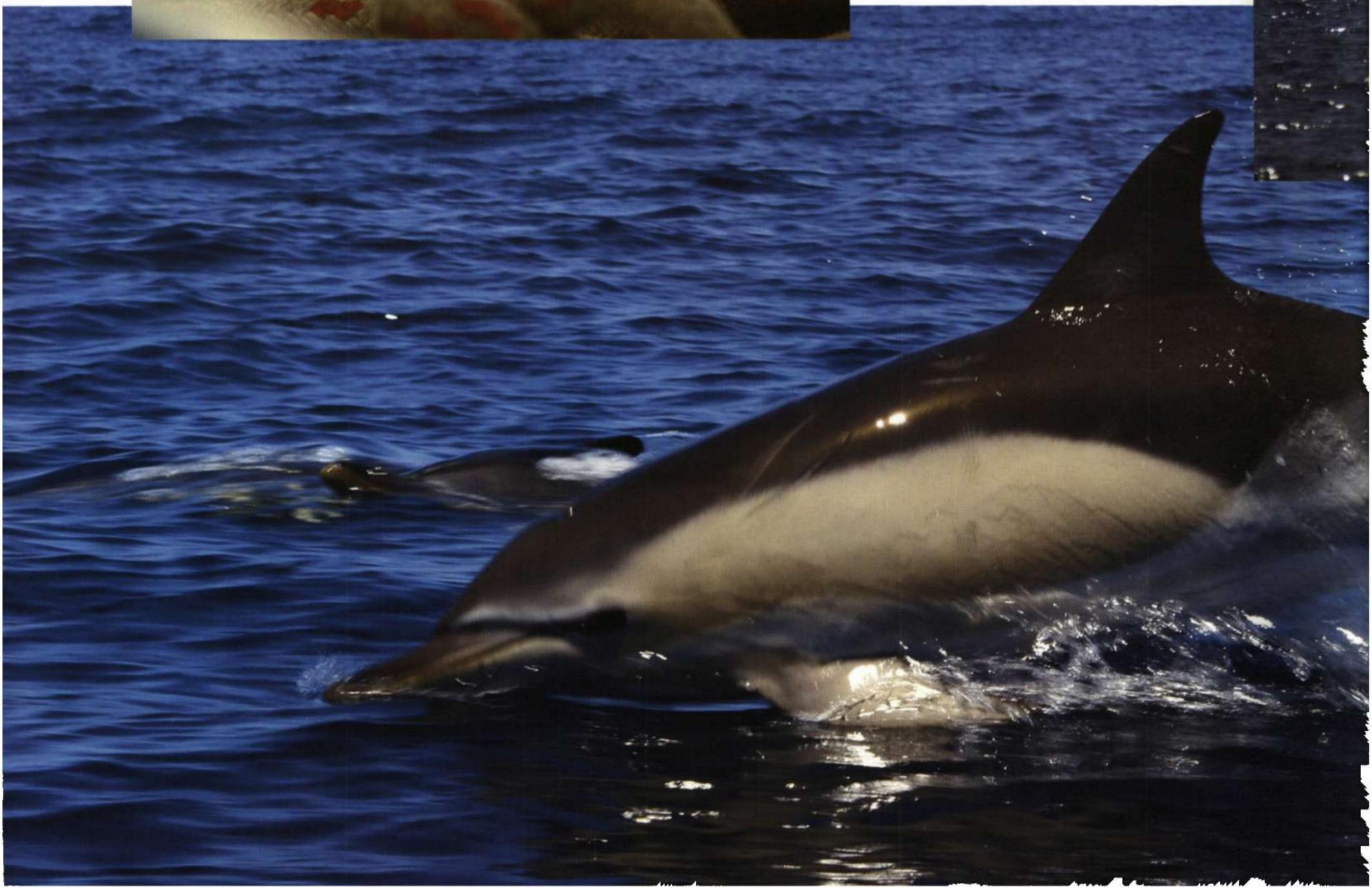


Foto Catarina Silva



maior diversidade ambiental na costa Ibérica. De facto, por estar na transição entre o Mediterrâneo e o Norte da Europa, podemos encontrar ao longo da costa Portuguesa uma variação significativa em diferentes variáveis ambientais. Esta reflecte-se também em terra, onde o clima pode variar substancialmente em curtas distâncias, provavelmente influenciando a distribuição de várias espécies de répteis e anfíbios. Por outro lado, certas áreas na costa Portuguesa apresentam condições propícias à formação de *upwelling* (afioramento de águas profundas bastante ricas em matéria orgânica) que poderão potencialmente constituir zonas preferenciais de alimentação. Todos estes factores podem influenciar os padrões de movimentação e reprodução dos golfinhos, promovendo a diversidade observada. É esta última hipótese que pretendemos testar.

Tendo em conta a dificuldade em obter dados biológicos destes animais em estado selvagem, os estudos feitos em Portugal têm tradicionalmente recorrido a amostras provenientes de animais mortos arrojados nas praias. No entanto, mesmo em espécies muito comuns e abundantes como o golfinho-comum, o número de indivíduos arrojados é limitado e por razões logísticas ainda mais limitado é o número de amostras biológicas que se recolhem. Por outro lado, um animal arrojado em Peniche, por exemplo, poderá ter vindo de áreas geográficas bastante distantes como o mar do Norte. Ainda recentemente arrojou uma foca-cinzenta em Peniche, uma espécie que não ocorre em Portugal mas apenas no Norte da Europa (a região mais próxima de Portugal é o Reino Unido). No entanto, para perceber qual a influência que o meio ambiente tem na determinação da diversidade dos



cetáceos, é extremamente importante conhecer a localização geográfica exacta dos indivíduos analisados. De facto, estudos mostraram que não ter em conta esta incerteza quando se usam amostras de arrojamentos pode dificultar bastante a identificação de estruturação geográfica existente, dando a ilusão de apenas se tratar de uma população, quando na realidade temos mais do que uma. No nosso caso, uma falta de correlação entre diferentes ambientes e populações independentes poderia não passar de um artefacto de apenas se utilizar arrojamentos. Como tal, o mais indicado para testar a existência de estruturação geográfica nestes animais é recolher amostras de tecido de animais selvagens, cuja localização exacta pode ser recolhida *in loco* com o auxílio de um GPS. No entanto, a teoria é mais simples do que a prática.

Foto Catarina Silva

Antes de mais, sendo um animal que passa a grande maioria da sua vida debaixo de água, vindo à superfície por apenas escassos segundos, é extremamente difícil detectá-los. Além disso, comparativamente à imensidão do oceano, um golfinho que não atinge mais do que 3,5 metros é incrivelmente pequeno e difícil de encontrar. Depois, sendo extremamente móveis, a recolha de tecido biológico tem que ser feita com recurso a um qualquer método de recolha remota. Para este projecto são usados dois métodos diferentes. O mais simples consiste numa vara extensível que na extremidade contém uma estrutura em aço inox que recolhe um pouco de pele assim que entra em contacto com o corpo do animal. O segundo consiste em usar uma espingarda veterinária para disparar dardos especialmente desenhados para recolher uma amostra de pele e gordura do animal. O comprimento total da biópsia pode ser alterado de acordo com a espécie em questão. Uma vez encontrado o animal, é ainda necessário fotografar e identificar o maior número de indivíduos possível para garantir que apenas uma amostra é recolhida de cada indivíduo. Depois, é apenas uma questão de paciência e cumprir as regras que garantem uma amostragem com sucesso.

Depois de algumas horas atrás do mesmo grupo conseguimos 6 amostras. Nesta fase o grupo começa a ficar agitado e estamos já longe do porto de abrigo. Não se vê terra, o mar parece um gigantesco lago de prata, e somos o único barco visível. Com o enorme grupo de golfinhos a afastar-se rompendo a superfície espelhada da água à medida que vêm respirar, o cenário parece quase irreal. Mesmo depois de 3 meses no mar repetindo sempre a mesma rotina diária, percorrendo perto de 1700 milhas náuticas (aprox. 3000 Km), cada dia é único e a monotonia nunca se instala. Apesar de estarmos à procura de golfinhos, as longas horas no mar e a grande extensão navegada permitem-nos ter um contacto exclusivo com a vida marinha. Desde grupos de gansos-patola a reunirem-se para iniciar a migração, passando por caravelas-portuguesas e peixes-lua, até às baleias-anãs e orcas, apercebemo-nos de como o «mar português» é rico em diversidade. Exaustos e com praticamente todos os músculos do corpo doridos do intenso esforço físico, vemos os golfinhos a afastarem-se e percebemos que são realmente os reis dos mares. Com uma capacidade de sobrevivência notável, vivem diariamente num meio imensamente maior do que eles, sem qualquer tipo de barreiras físicas ou protecção. Não há árvores para subir e fugir a predadores, nem há gru-



O projecto é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e tem o apoio da Marina de Portimão, que usamos como base de operações, e pelas empresas Nautiradar e AngelPilot que nos facilitaram a aquisição de material. O seu apoio contribui de forma essencial para o sucesso do projecto.

tas para se manter quente durante a noite, mas apenas uma extensão de água ininterrupta onde a disponibilidade de alimento é variável e inconstante. Mesmo assim, os cetáceos apresentam uma diversidade notável em termos de biologia e ecologia, e uma estruturação geográfica que ainda hoje é difícil de explicar na sua totalidade. Ao vermos os golfinhos a afastarem-se sentimos que, apesar de todas as dificuldades, estes são um dos animais mais interessantes de estudar e que somos verdadeiramente privilegiados por poder estar ali sozinhos no meio de todo aquele mar.





Em recente **À hora do mocho**, referia-se a exploração de Plutão, ex-último planeta do Sistema Solar – «ex» porque já não é considerado planeta, como é sabido (v. TN 27; é agora planeta-anão), nem sequer o corpo de proporções consideráveis mais distante do Sistema Solar, sendo actualmente Sedna (90377 Sedna) o detentor do recorde de distância; «último» no que a distância diz respeito.

Se os confins do Sistema Solar estão a poucos anos de ser explorados, e mesmo já com várias sondas (as Pioneer e as Voyager) tendo há muito ultrapassado os limites da órbita de Plutão (que, recorde-se, mesmo antes da reclassificação e da descoberta de Sedna nem sempre era o planeta mais afastado, porque parte da sua órbita é interior à de Neptuno), curiosamente um dos planeta mais próximos da Terra nunca tinha sido bem explorado: Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol, na mitologia representando o rápido mensageiro dos Deuses.

Essa falha foi agora colmatada com a missão da NASA, apropriadamente denominada MESSENGER, não só acrónimo de MErcury Surface, Space ENvironment, Geochemistry, and Ranging, como, em português, Mensageiro (v. na pág. seguinte Designação das missões espaciais).

Mercúrio é, com Vénus, um dos dois planetas designados por «interiores», por orbitarem entre a Terra e o Sol, e também o mais pequeno planeta do Sistema Solar (4880 km de diâmetro). Por ser o mais próximo do Sol poder-se-ia julgar que seria o mais quente, pelo menos na face exposta à radiação do astro-rei. Porém, o recorde de máxima temperatura (superior a 450 °C) é pertença de Vénus, graças à grande densidade da atmosfera venusiana e ao conseqüente efeito de estufa. Mercúrio atinge temperaturas equatoriais próximas de 425 °C, na face virada para o Sol, e de -180 °C na face em sombra, enorme amplitude térmica (cerca de 600 °C) conseqüência de praticamente não possuir atmosfera que controle a temperatura. Tamaña temperatura de dia impede, com a tecnologia actual, uma visita tripulada ao planeta. Demais, seria frustrante esperar pela trégua da noite: um dia em Mercúrio dura 176 dias terrestres, ou seja, num mesmo local desde o nascer ao pôr-do-sol teríamos que aguardar 88 abrasadores dias. Curiosamente, 88 dias corresponde também ao período de translação de Mercúrio, isto é, desde o nascer ao pôr-do-sol em Mercúrio decorre um ano de Mercúrio. Um dia completo de Mercúrio termina ao fim de... dois anos de Mercúrio. Resta acrescentar que o período de rotação do planeta em torno do seu eixo é de 59 dias terrestres. Confuso? Talvez, mas só porque o nosso calendário foi construído e melhorado por forma a adequar-se à Terra, não a Mercúrio.

Mercúrio é difícil de observar a partir da Terra. Pequeno e sempre próximo do astro que orbita e, por isso, surgindo a baixa altitude. Aparece fugazmente, durante uns dias, antes do nascer do sol ou depois do ocaso, imerso no crepúsculo matinal ou vespertino (consoante a época do ano). As frequentes neblinas perto do horizonte e a grande massa de ar que se interpõe entre a luz do planeta e a superfície da Terra são factores adicionais que prejudicam a sua observação. Um telescópio amador não permite ver qualquer detalhe no planeta, para além das fases (como a Lua ou Vénus), e mesmo os grandes telescópios não revelam quase nada do astro. O próprio telescópio espacial Hubble não olha para Mercúrio, tal o risco de inadvertidamente apontar para o Sol e poder danificar a instrumentação. As

^ O planeta Mercúrio fotografado pela missão MESSENGER em 2008. Crédito: NASA/Johns Hopkins University Applied Physics Laboratory/Carnegie Institution of Washington

MENSAGE

^ Detalhe da superfície de Mercúrio, fotografado pela missão MESSENGER. Crédito: NASA/Johns Hopkins University Applied Physics Laboratory/Carnegie Institution of Washington

melhores observações, até à MESSENGER, são as provenientes da sonda Mariner 10, da NASA, que alcançou o planeta em Março de 1974, das quais se ficou a conhecer apenas uma pequena parte da superfície de Mercúrio. Não só o detalhe das imagens e dados da MESSENGER já é e será muito maior como os objectivos são mais ambiciosos. Em particular, a MESSENGER entrará em órbita em torno do planeta dentro de 3 anos, fornecendo dados cartográficos de toda a superfície – saliente-se que a manobra de colocação em órbita que vai ser efectuada não era possível com a Mariner 10, quer pela complexidade (a solução foi proposta apenas nos anos 80) quer pela inexistência de mecanismos que permitissem travar a nave por forma a colocá-la em órbita; será executada uma série de «voos» auxiliados pela gravidade de Vénus e de Mercúrio até à inserção em órbita.

Que outras informações fornecerá a MESSENGER? Porque o planeta gira em torno de um eixo praticamente paralelo ao eixo de translação, não há grandes flutuações de temperatura ao longo do ano, isto é, não há estações tão marcadas como na Terra. Daí que, no interior em permanente sombra de algumas crateras dos pólos, se suspeite existir material gelado (água?). Pelo menos, é o que parecem sugerir imagens de radar do planeta. Um dos

objectivos da missão MESSENGER é o de tentar descobrir qual a substância reflectora.

Outra questão para a qual a MESSENGER poderá trazer respostas é a do campo magnético de Mercúrio. A maior parte dos planetas possui um campo magnético (caso da Terra, claro, ou de Júpiter, intenso), mas Marte e Vénus não. Assim, dos quatro planetas terrestres (os quatro mais próximos do Sol), só a Terra e Mercúrio possuem um campo magnético interno.

Os estudos efectuados por certo contribuirão para se perceber melhor os mecanismos de formação dos planetas e do Sistema Solar e a sua evolução até hoje.

...Entretanto, no outro extremo do Sistema Solar... a Voyager 1, a 107 unidades astronómicas (UA) do Sol (a Terra, como sabe o leitor da Hora do Mocho, está a 1 UA do Sol)... O objecto humano

mais distante vagueia solitário no espaço. Fechemos por um instante os olhos, humanizemo-la, e ponhâmo-la a olhar em seu redor. Atrás de si, uma pequena bola brilhante lembra-lhe, pela cor, uma certa estrela amarela que bem conhece e que tão bem iluminou os grandes planetas por onde, há muitos anos, ela passou. À sua frente, aos seus lados, um negro profundo, gelado, crivado de minúsculos pontos multicolores, recorda-lhe que é esse o seu eterno futuro, na sua longa e inexorável viagem que a afasta para sempre do Sol. Vale-lhe a companhia de, entre outros, Stravinsky (excerto da Sagração da Primavera), para dias optimistas, Bach, para inspiração, ou, nos dias mais melancólicos, os blues de Blind Willie Johnson, «Dark was the night»... no disco que consigo transporta com sons terrenos, a que não faltam os sons da Natureza como aves ou baleias. Continuação de boa viagem.

DESIGNAÇÃO DAS MISSÕES ESPACIAIS

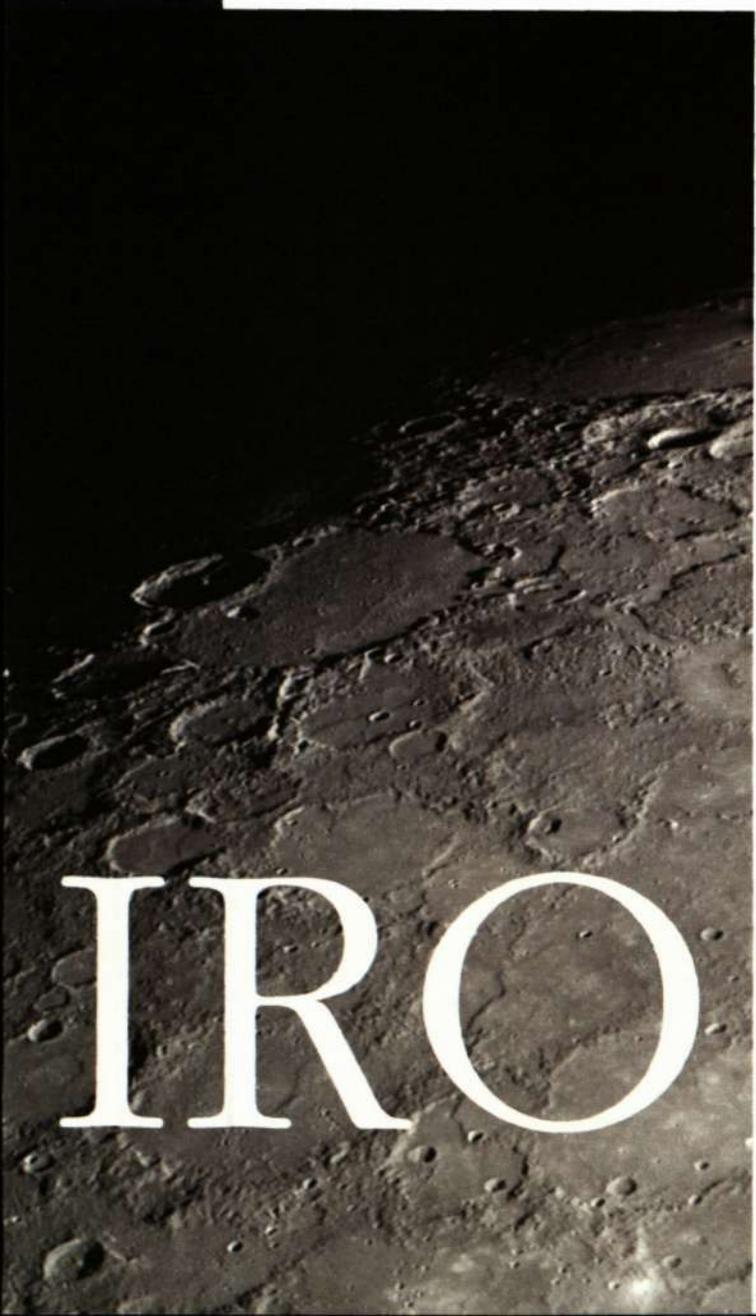
As siglas das missões espaciais tomam formas que poderíamos dividir em três categorias principais: as «austeras», como a HST (Hubble Space Telescope) ou a ESSP (Earth Systems Science Pathfinder). As que preteiam cientistas ou exploradores, como a Cassini/Huygens, a Magalhães ou a Giotto. Mas, com frequência as missões espaciais são designadas por – digamos, imaginativas – siglas ou acrónimos que, de alguma forma, fazem corresponder o nome do objecto ou dos objectivos da missão com os estudos que irão ser realizados e, simultaneamente, com uma designação ou nome próprio de uma personalidade que estejam ligadas àqueles objectivos. Como exemplos, além da MESSENGER, a COSMIC – Constellation Observing System for Meteorology, Ionosphere & Climate, a HIPPARCOS – High Precision PARallax COLlecting Satellite (Hiparco, 190-120 a.C., foi quem mediu, com notável precisão para a época, a distância da Lua à Terra, baseando-se na paralaxe do nosso satélite em relação às estrelas «fixas»). Mais difícil de descortinar a razão da escolha de EROS – Earth Remote Observation System, a não ser num eventual contexto «voyeur» a que a detecção remota possa remeter...

O SISTEMA SOLAR NESTE TRIMESTRE

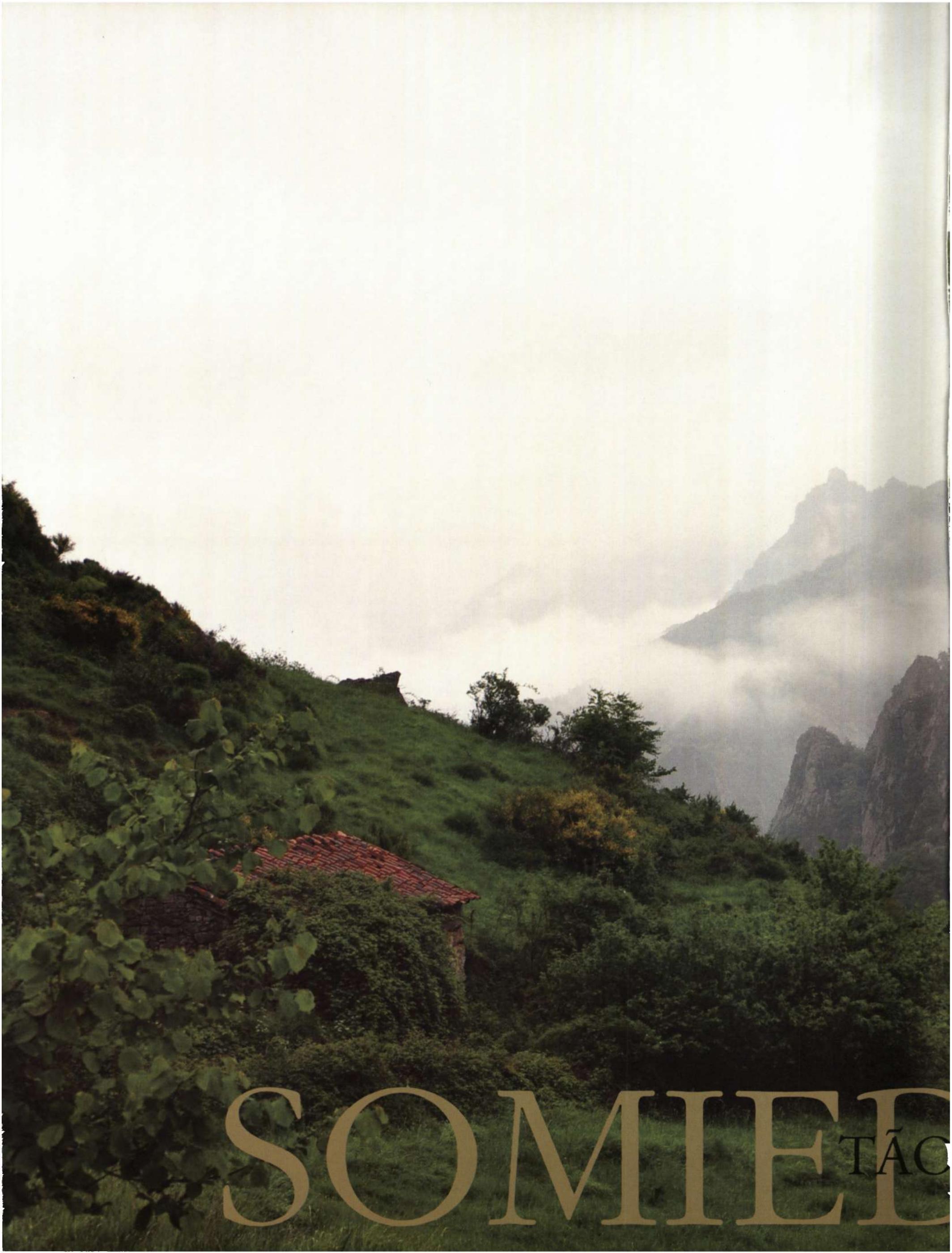
Mercúrio, para começar: aos madrugadores, espera-os a Este, nos finais de Outubro. É visível uns dias antes e outros depois de 20 de Outubro. Para uma observação duplamente gratificante, experimente o dia 27 de Outubro, uma hora antes do nascer do sol, ou seja, por volta das 6h00. Mercúrio encontra-se então a Este, um pouco à esquerda (Este) da Lua em vésperas da fase de Nova. Ambos serão difíceis de observar, pelo que se recomenda um binóculo.

Vénus é visível ao final da tarde, mas desta feita numa aparição muito comedida. Estará sempre muito baixo, perto do horizonte. As frequentes neblinas atenuarão, sem dúvida, o seu intenso brilho (brilhará o suficiente, porém, para enganar alguns que não se convencerão que «aquele ponto brilhante» por cima do mar ou de uma casa não era um OVNI... «E mexia-se!», dirão mesmo. De facto, o planeta é, involuntariamente, uma enorme fábrica de embustes).

Uma sugestão astronómica para comemorar o dia da Independência, 1 de Dezembro, é a de estar-se atento ao céu do final da tarde desse dia: Vénus subiu um pouco no céu e encontra-se agora muito próximo de Júpiter que, entretanto, se foi aproximando do horizonte, dia-a-dia. Mas o mais interessante é que a Lua eclipsa Vénus, nesse dia. O final do acontecimento só será visível por quem se dispuser a procurar a Lua, com um binóculo e um pouco antes do ocaso solar (ainda de dia, portanto. Mas é para isso que os feriados servem, ou não?). O trio Lua+Vénus e Júpiter encontra-se a cerca de 20° de altitude (um palmo, com o braço estendido) a SSW. O mais provável será encontrar o satélite da Terra primeiro e só depois Júpiter, logo acima e à direita (W) dela. Se Vénus não for visível... é porque se encontra atrás da Lua. Aguarde uns minutos – vale a pena – e verá o mais brilhante planeta surgir no bordo inferior direito da Lua! (Oh, sim, um OVNI!) Sugira-se que observe Vénus e Júpiter na véspera, para que saiba onde os encontrar no céu no dia 1 de Dezembro.



IRO



SOMMIER

TÁC



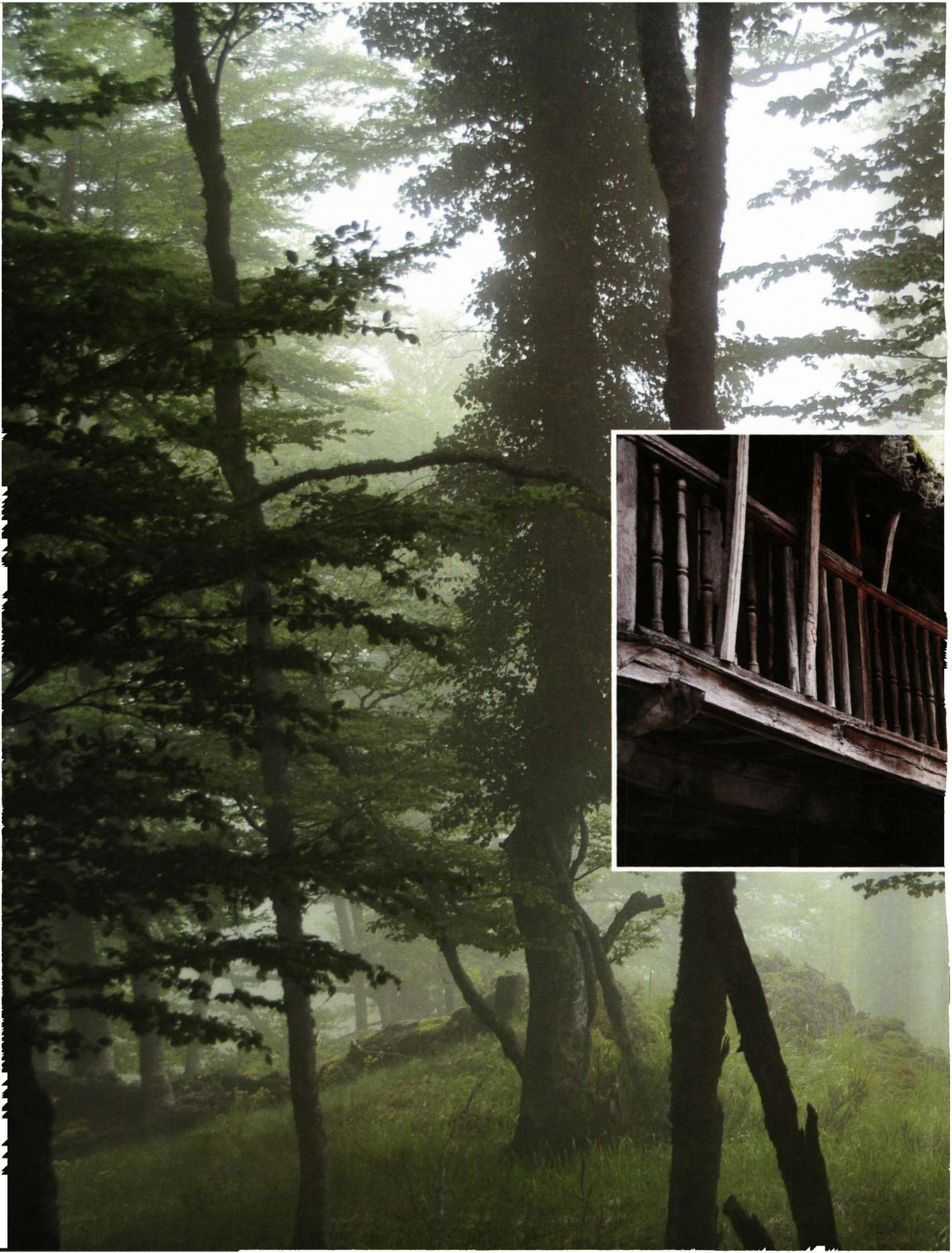
Provenientes de Villablino cruzamos a fronteira entre a provincia de León e o Principado das Astúrias ao acercarmo-nos da aldeia cimeira de St^a. Maria del Puerto. O relevo vai ganhando rugas à medida que conquistamos altitude. Cresce também a boa sensação de termos a montanha por perto agora que os contornos do El Cornón já dominam a paisagem à nossa esquerda. A pequena povoação acaba de ficar para trás quando alcançamos o Puerto de Somiedo (1.486 m). Iniciamos então a derradeira descida. Após uma recta em que a estrada se encontra ladeada por varas metálicas lembrando-nos os fortes nevões que quase todos os anos se abatem por aqui, entramos numa sucessão de sínuosas curvas e contracurvas.

Bruscamente, Somiedo revela-se com magnificência. Da cabeceira do vale principal, aonde surgimos, têm-se uma das grandes perspectivas deste reduto natural da vertente ocidental dos montes cantábricos. A estrada, já depois de passar o desvio para La Peral – pequena aldeia de onde se disfruta uma paisagem arrebatadora – continua a serpentear, mas agora contorcendo-se pelo fundo do vale separando os prados que, de ambos os lados da via, só cessam quando dão lugar ao «hayedo» – bosque de faias –, isto à medida que a nossa vista se eleva, encostas acima, em direcção aos cumes. De entre estes, com contornos mais marcantes, evidenciam-se a Penouta, El Mocosu e Pena Mochada, a poente. A pequena aldeia de El Llamardal é esmagada pela grandeza do El Putracón, da serra del Robezu e da Pena Salgada do lado nascente.

Foi algo que experimentámos logo na primeira saída de campo em Somiedo no já distante mês de Setembro do ano de 1989. Quem se sente especialmente atraído pelos ecossistemas de montanha, mais ainda quando estes se encontram bem conservados – neste caso particular exibindo um relevo em grande parte definido pela cobertura arbórea de bosques que se sucedem por montes e vales até a vista se perder e onde se sabe ocorrer uma fauna selvagem com um valor que poucos espaços naturais da Europa ocidental se podem gabar de ainda possuir –, é de imediato tocado pela magia de um reduto de natureza singular que se destaca em

DEFESA DA NATUREZA TEXTO e FOTOS • Miguel Dantas da Gama

PERTO DO PARAÍSO





qualquer contexto, mesmo no espaço a todos os títulos grandioso, em particular sob o ponto de vista ecológico, que ninguém pode regatear à imponente cordilheira cantábrica. Somiedo consegue sobressair e ocupar o seu lugar de destaque.

Nessa altura, há quase 19 anos, «o país dos ursos» dava os primeiros passos como espaço protegido, nele tudo justificando um reconhecimento com o qual antes de mais se pretendia acautelar precisamente a sobrevivência de uma população isolada de urso-pardo cuja extinção se afigurava inevitável. A caça furtiva, muito motivada pela captura de um troféu cada vez mais raro e por isso cobiçado, era uma das causas principais. Outras havia igualmente que contrariar através da valorização do que o património natural potenciava, também para benefício das comunidades residentes.

Lugarejos diminutos rodeados de prados e pequenos campos de cultivo constituem harmonio-

m), Vildéu (1539 m), El Putracón (1909 m), Pena Orniz (2190 m), El Cogollu (1965 m), Penas del Núncio (1940 m), Pena Chana (2067 m), Alto La Mochada (1498 m) remetem-nos para fantásticas ascensões, algumas já empreendidas, outras apenas imaginadas porque o seu acesso está prudentemente interdito para salvaguarda dos redutos que deles se dominam –, enche-nos a alma pelo disfrute do prazer contemplativo, refletindo um equilíbrio e uma convivência entre o homem e a natureza que, sendo benéfica para o primeiro, favorece a conservação da segunda.

Imagem de marca de Somiedo são também as *brañas*, povoados de altitude. Algumas foram crescendo, passando a ter uma ocupação mais regular e não apenas sazonal. Outras, mais rudimentares, são compostas exclusivamente por *cabanas de teito* (cobertura cuja recuperação cíclica é uma prática designada *teitado*). Destes quarenta lindíssi-

mos núcleos de apoio à exploração das pastagens de altitude evidenciam-se Mumián (de Llamardal) com 17 cabanas, La Pornacal, com 33 cabanas e Vieja (ambas acima de Villar de Vildas), Sosas (nas proximidades de Valle) e La Mortera (de Saliencia).

Acompanhados pela acção de várias organizações de defesa da vida selvagem, os objectivos inspiradores da criação do Parque Natural impunham uma concertação de esforços e de estratégias entre os organismos oficiais e os não-governamentais que, a princípio e durante vários anos, não foi a melhor. Com efeito, entre o Principado das Astúrias e as organizações não-governamentais de Ambiente (ONGA) – nomeadamente o FAPAS-Fondo Asturiano para la Protección de la Fauna Salvaje, a trabalhar ininterruptamente desde os primeiros anos da década de 1980 e portanto antes ainda do surgimento do Parque (Alfonso Hartasánchez é o elemento mais visível, desenvol-



sos núcleos rurais ordenadamente distribuídos pelos vales encaixados, quase todos exibindo espectaculares *hórreos* ou *hurros* – celeiros com uma função idêntica à dos nossos espigueiros – construídos com a boa madeira produzida na região. Não resisto a citar Aguino, Perlunes, Pineda, La Rebollada, Villarin, Villaús, exemplos de comunidades cercadas por bosques densos que encostas acima se desenvolvem sem interrupções, até aos cumes e aos *collados* (portelas), para depois descerem até um qualquer outro povoado situado num vale adjacente. A paisagem, dominada pelos afloramentos rochosos mais íngremes a que o bosque na maioria dos casos não tem acesso – El Cornón (2194 m), La Penouta (1976 m), El Gurugú (1472 m), Pena Mochada (1859 m), El Mocosu (1989 m), Pena Blanca (1610

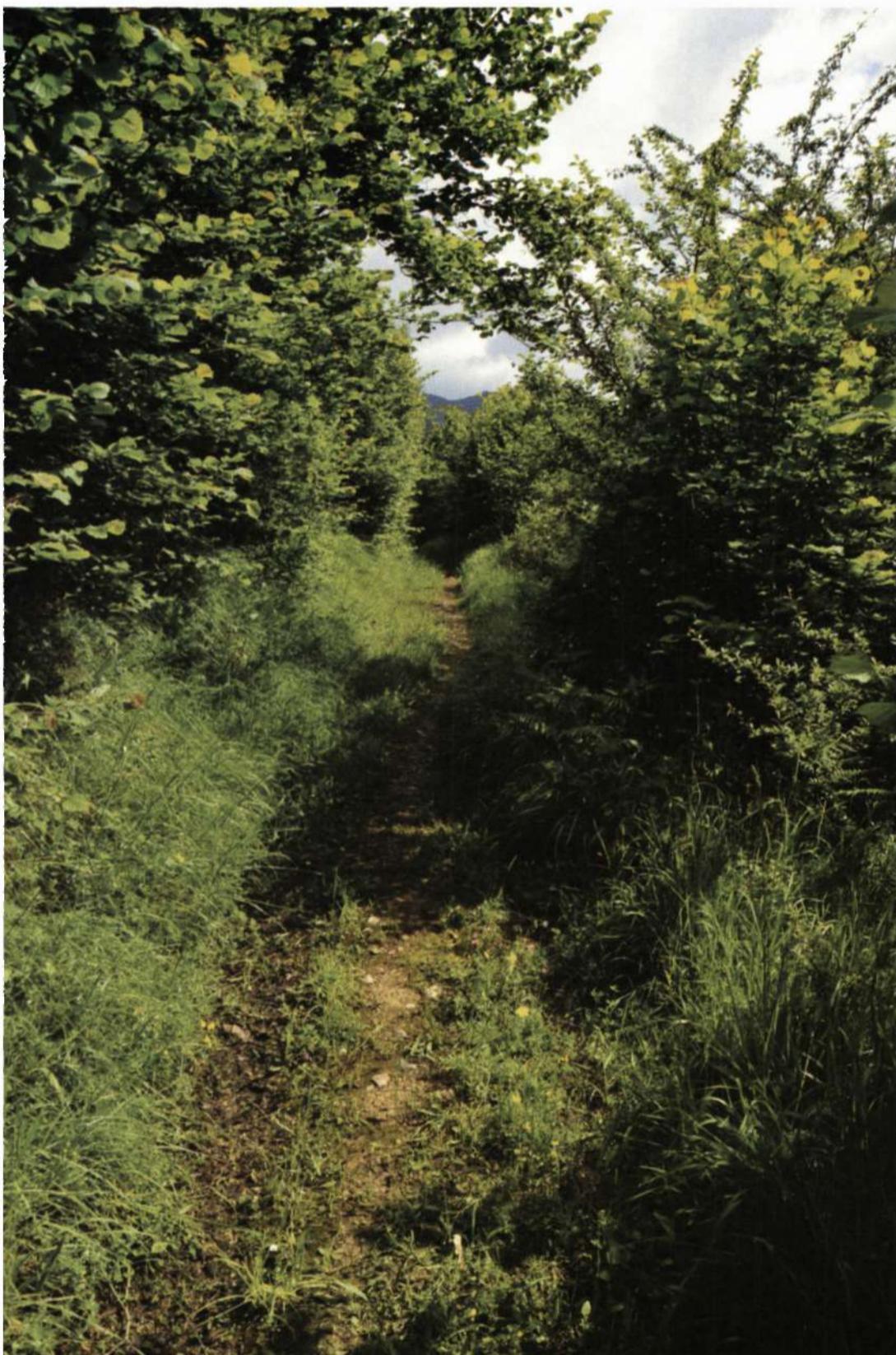


vendo um trabalho de seguimento da população ursina baseado em registos fotográficos recolhidos por uma rede de câmaras automáticas), a Fundación Oso Pardo (FOP), criada em 1992 (possui um centro de interpretação em Pola de Somiedo e uma patrulha de vigilantes-monitores a cobrir a região), e ainda a Fundación Oso das Astúrias (FOA), sediada em Proaza (participa nas acções estabelecidas nos planos de conservação do urso-pardo elaboradas pelo Principado) –, o relacionamento começou por ser distante e foram necessários muitos anos para que todos conferissem que, mesmo unindo esforços em torno de uma causa comum, por vezes revelam-se insuficientes para o desempenho de tão nobre tarefa.

Hoje, não obstante poderem existir divergências de pontos de vista e da forma como abordar certas questões, a situação alterou-se radicalmente e a informação flui com regularidade, beneficiando de reuniões periódicas onde os elementos do Parque, o SEPRONA (Servicio de Protección de la Naturaleza, unidade especial da Guarda Civil) e os técnicos que compõem as equipas no terreno das ONGAs discutem e partilham experiências e resultados. Os efeitos parecem dar frutos nas áreas mais sensíveis e prioritárias (ver adiante). Roberto Hartasánchez, Presidente do FAPAS Espanha é categórico: «La conservación del oso en Asturias a permitido unir los esfuerzos de todas las entidades de la administración

y las organizaciones que trabajan con el oso pardo, incluido también los ayuntamientos y las sociedades de cazadores de los territorios donde habita el oso. Quizás es el momento histórico donde se ha alcanzado el máximo nivel de cooperación y entendimiento. Ello es sin duda un escenario de gran importancia para la conservación de los osos».

A população residente em espaços naturais tem um papel decisivo nas suas defesa e preservação. Para quem reconhece ser esta uma condição necessária para o sucesso de um projecto de conservação (e que constantemente se desilude por verificar que normalmente esta evidência não passa de um chavão a que recorrem alguns dos



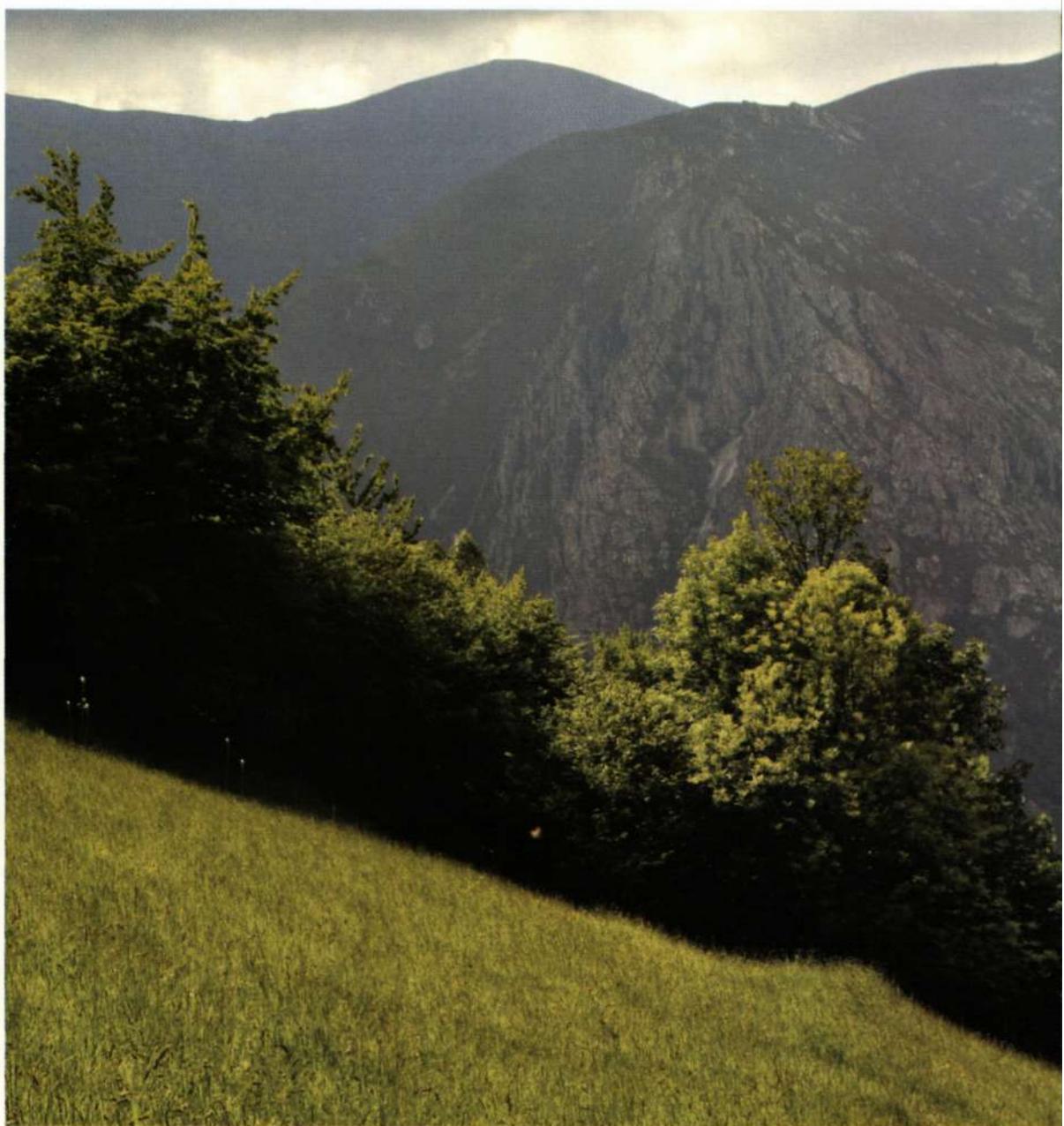
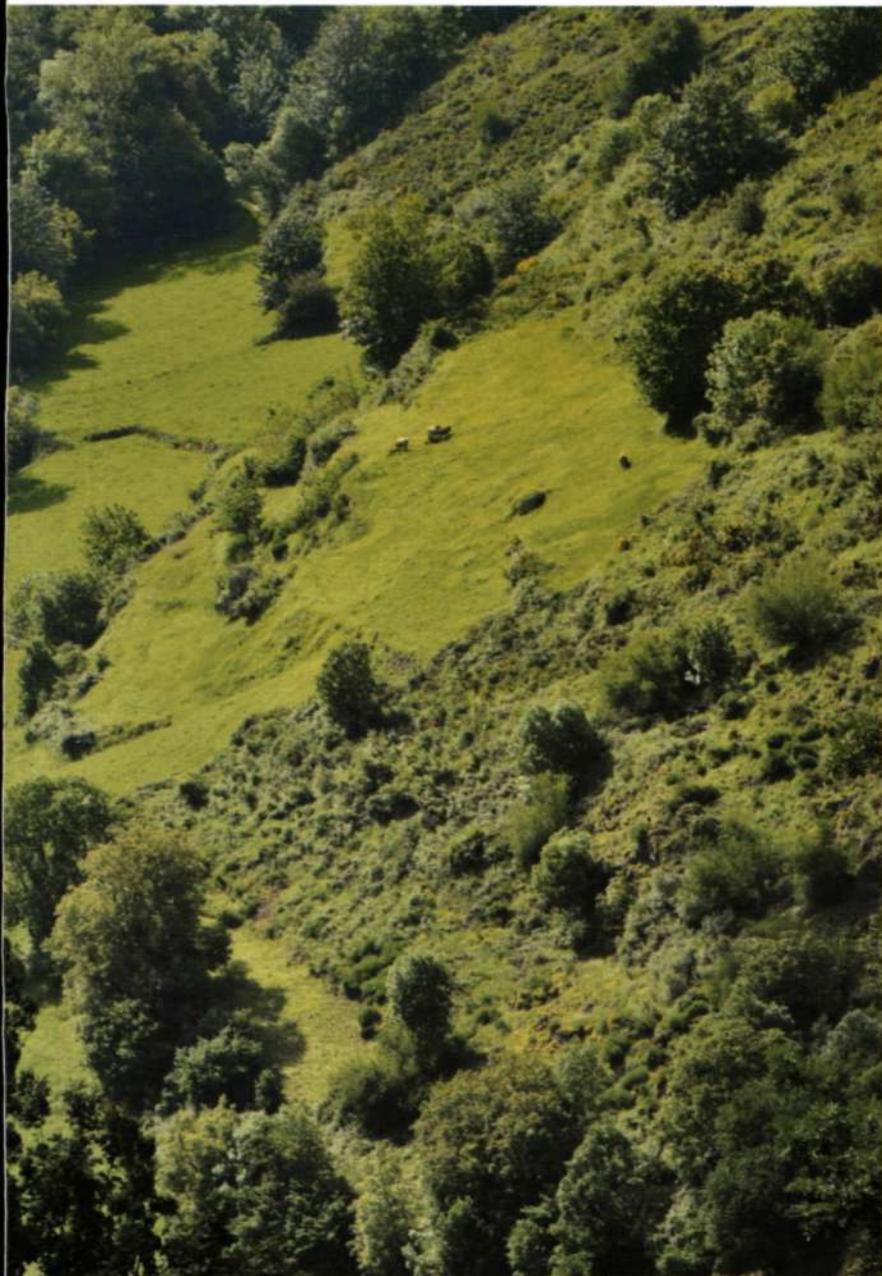
Pegada de urso-pardo ▶

que pretendem alcançar outros objectivos que não o da defesa do património natural) Somiedo é forçosamente um bom exemplo. Na esmagadora maioria das aldeias do Parque não há agressões paisagísticas na recuperação urbanística que se empreende (Póla de Somiedo, sede do concelho, pode vir a destoar se os empreendimentos hoteleiros continuarem a crescer ao ritmo verificado nos últimos anos). Nas paredes e painéis dos espaços públicos, velhas fotos a preto-e-branco retratando caçadas antigas vão dando lugar a vistosos pósteres com mensagens conservacionistas e onde o urso é a estrela mais brilhante. Sente-se haver orgulho em conviver com uma raridade internacio-

y conservar», confirma-nos Roberto Hartasánchez.

Como explicar este ambiente de forte convergência entre os vários interesses dos agentes locais? O Parque Natural trouxe dinheiro à população, que explora restaurantes, hotéis e apartamentos, lojas de «souvenirs» e actividades de «outdoor» (caminhadas, observação de fauna, ...). O pagamento das indemnizações por danos causados pelos predadores é efectuado com celeridade. «Especialmente las indemnizaciones de los daños de los osos son rápidas y satisfacen las reclamaciones de las personas que tienen los daños. Pienso que las de los lobos también, pues no hay problemas de reclamaciones», refere Roberto Hartasánchez.

de âmbito regional gerida pelas autoridades do Principado e pelo Ayuntamiento de Somiedo. Os seus limites são coincidentes com os do concelho que lhe deu o nome, abrangendo uma área de cerca de 29 000 hectares. Faz fronteira com os concelhos de Cangas del Narcea e Tineo a ocidente, Belmonte de Miranda, a norte, e Teverga, a nascente. A sul confina com a província de León. Reconhecendo o elevado interesse do seu património natural a UNESCO declara-o Reserva da Biosfera no ano 2000. Nele residem cerca de 1600 pessoas distribuídas por 28 aglomerados populacionais. Dependem essencialmente da pecuária, em especial da criação da vaca autó-



nalmente reconhecida. Nas conversas, sejam elas ocasionais, com pessoas com que nos cruzamos acidentalmente, ou recorrentes, com os amigos que entretanto fomos fazendo em Somiedo, não se denota um discurso contra o Parque e os seus objectivos. Mesmo os ataques aos colmeais (a sua destruição é dos danos mais frequentes) são relatados como factos e não como acusações ou manifestações de repulsa para com os (gulosos) ursos: «Pienso que sí. En Somiedo, la conservación del oso es una cuestión de orgullo. Hay una reclamación social de todos los sectores de Somiedo, turísticos, ganaderos, etc, de que el oso es un símbolo del parque al que hay que proteger

O futuro poderá ser prometedor. O segredo está em saber travar a exploração dos recursos (turísticos incluídos) quando tal se revelar necessário, quando em causa puder ficar o que motiva todo o esforço já empreendido e que tem gerado muitos proveitos. Por outras palavras, há que evitar cair na tentação de devorar a galinha, não se contentando com os ovos (de ouro!) que ela generosamente tem posto.

PARQUE NATURAL DE SOMIEDO 20 ANOS A LUTAR PELO URSO-PARDO

Somiedo foi o primeiro parque natural asturiano, criado em 1988. Trata-se de uma área protegida

tone asturiana conhecida por «roxa» (devido à sua cor), do gado equino que pasta em semi-liberdade, de uma agricultura de subsistência. Não apenas em Pola de Somiedo, mas também – e de uma forma crescente – em várias aldeias distribuídas pelo parque, muitas famílias dedicam-se já ao turismo que demanda a região suscitado pela visibilidade decorrente da criação do parque natural, desenvolvendo as actividades anteriormente referidas.

Entre os quatro vales principais emergem as várias espinhas dorsais da montanha somedana quebradas por inúmeras outras depressões, menos amplas, que conferem a esta área classificada um

relevo muito acidentado. Somiedo e Pigueña estão orientados na direcção sul-norte, enquanto Saliência e Valle evoluem na direcção sudeste-noroeste. As cabeceiras dos vales mais amplos exibem acções glaciares e kársticas antigas, circos alguns deles hoje submersos nas águas de belos lagos de montanha de que Somiedo é também excelente referência nos balanços que normalmente se fazem sobre as mais-valias naturais do Principado asturiano.

Para a preservação do Parque Natural muito contribui a rede de Áreas de Uso Restringido (AUR), parcelas onde o acesso do público está vedado e as actividades nelas permitidas aos residentes também se encontram regulamentadas. As AUR constam no Plano Rector aprovado e abrangem cerca de 40% do território de Somiedo, tendo sido delimitadas a pensar na sal-

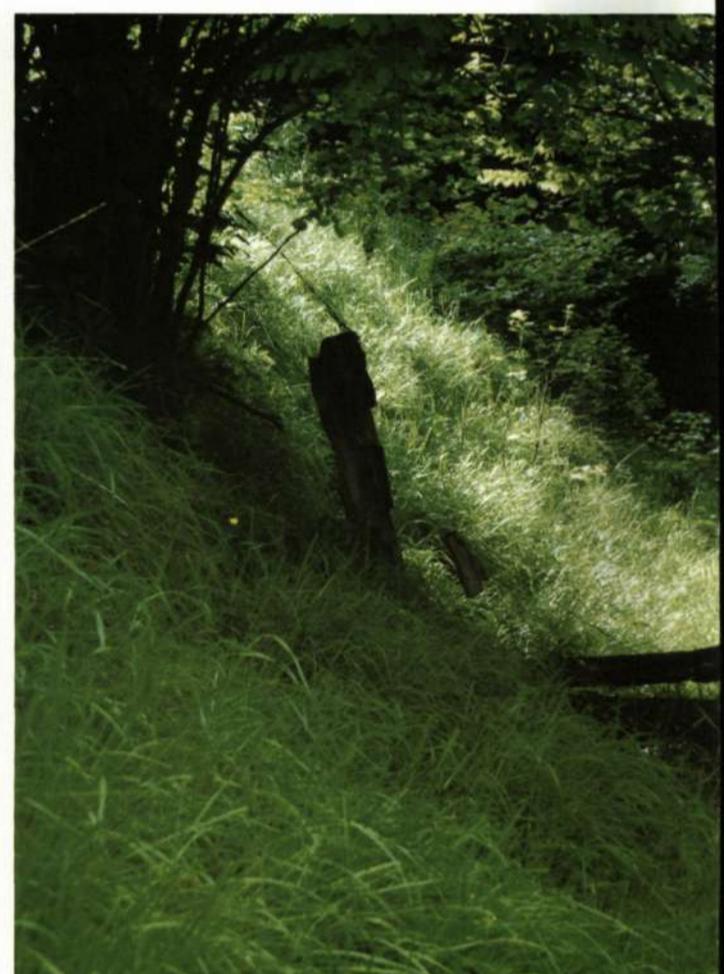
FLORA E FAUNA SOMEDANA UMA EXPLOSAÇÃO DE BIODIVERSIDADE

O «hayedo» (faial) é o coberto arbóreo dominante. Entre as grandes manchas distribuídas por todo o Parque merecem destaque La Enramada, Las Sendas, Vildéo e Tibléus. Mas o muito acidentado relevo, anteriormente evidenciado, aliado a uma exposição diversificada dos múltiplos vales que o compõem, criam microclimas que promovem uma maior biodiversidade da vegetação, o que facilmente confere qualquer visitante interessado, mesmo o que não dispõe de conhecimentos que sustentem tecnicamente a sua vista desarmada.

A ocorrência de 1125 espécies de flora vascular dá uma ideia do valor florístico a que nos referimos. Estão presentes 65 espécies de árvores e arbustos das 73 que ocorrem nas Astúrias. À faia (*Fagus sylvatica*) dominante, juntam-se a bétula (*Betula pubes-*

outras sorveiras, ulmeiros (*Ulmus glabra*), sabugueiros (*Sambucus nigra*) e aveleiras (*Corylus avellana*) são apenas algumas das árvores que aqui se misturam sobre um sub-bosque igualmente soberbo.

Falamos muito dos bosques. Mas entre eles e, principalmente acima deles, a cotas mais elevadas, importantes áreas de prados de herbáceas valorizam mais ainda a paisagem, acrescentando valor a habitats que por isso abrigam mais – e mais importante – fauna selvagem, como adiante veremos. Evitando perder-nos naimensidão das espécies que aqui ocorrem citamos dois destaques obrigatórios. A centáurea de Somiedo (*Centaureium somedanum*) é um endemismo local. A uva-domonte (*Vaccinium myrtillus*), ou arandano, cobre vastas áreas das encostas de Somiedo. Desempenha um papel fundamental na alimentação do urso e, no Outono, as grandes manchas de



vaguada dos ursos-pardos. São constantemente vigiadas pelo SEPRONA que, com eficácia, faz cumprir a legislação. Qualquer visitante pode cruzar-se com as equipas destacadas na região, onde e quando menos imagina. Por experiência também sabemos que ao menor sinal de fumo são despoletados os meios de primeira intervenção encarregues de combater o fogo no momento em que este esforço permite evitar males maiores. Isso mesmo nos confirma o Presidente do FAPAS espanhol: «En Asturias ha mejorado mucho la eficiencia en la lucha contra los incendios. Tanto a nivel de concienciación social como los medios que se disponen y que permiten acudir con rapidez a los fuegos, especialmente gracias a los helicópteros».

o pilriteiro (*Crataegus monogyna*), o azevinho (*Ilex aquifolium*), o padreiro (*Acer pseudoplatanus*). Algumas manchas de carvalho, especialmente de carvalho-pétreo (*Quercus petraea*) mas também de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) ocorrem em especial na zona de Saliência. Vales mais pronunciados criaram condições especiais para o desenvolvimento de uma vegetação de características mediterrânicas. Predominam aí azinhais (*Quercus rotundifolia*) com carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*) e medronho (*Arbutus unedo*). Outros, mais amplos e de diferente exposição, exibem uma vegetação luxuriante. O vale de Pigueña é talvez o melhor exemplo. Tílias (*Tilia cordata*), freixos (*Fraxinus excelsior*), salgueiros (*Salix fragilis*), ameixoeiras-bravas (*Prunus spinosa*), cornogodinhos (*Sorbus aucuparia*) entre

arandano adicionam mais cores à paleta policromática com que se pinta o bosque caducifólio.

Consequência directa desta riqueza botânica é a ocorrência de mais de 180 espécies de vertebrados (40 mamíferos, 120 aves, 10 répteis, 11 anfíbios, 4 peixes).

Somiedo é, juntamente com o Parque de Cangas de Narcea, Degaña e Ibias, o coração do núcleo ocidental da população cantábrica de urso-pardo (*Ursus arctus*). O número de ursos que hoje se estima para o território do Parque – 30 exemplares – aproxima-se já da população que no início dos anos de 1990 se atribuía para todo o núcleo ocidental da cordilheira cantábrica de que Somiedo faz parte, e que era de 40 exemplares (no núcleo oriental, do lado dos Picos da Europa, sobrevivem hoje cerca de

30 exemplares). Mesmo atendendo ao menos eficiente seguimento que há cerca de 15 anos se fazia, a recuperação é um dado adquirido. Nos últimos anos tem-se assistido a um número crescente de nascimentos de «esbardos» (crias de urso) e a população (ocidental) ultrapassa já os cem indivíduos.

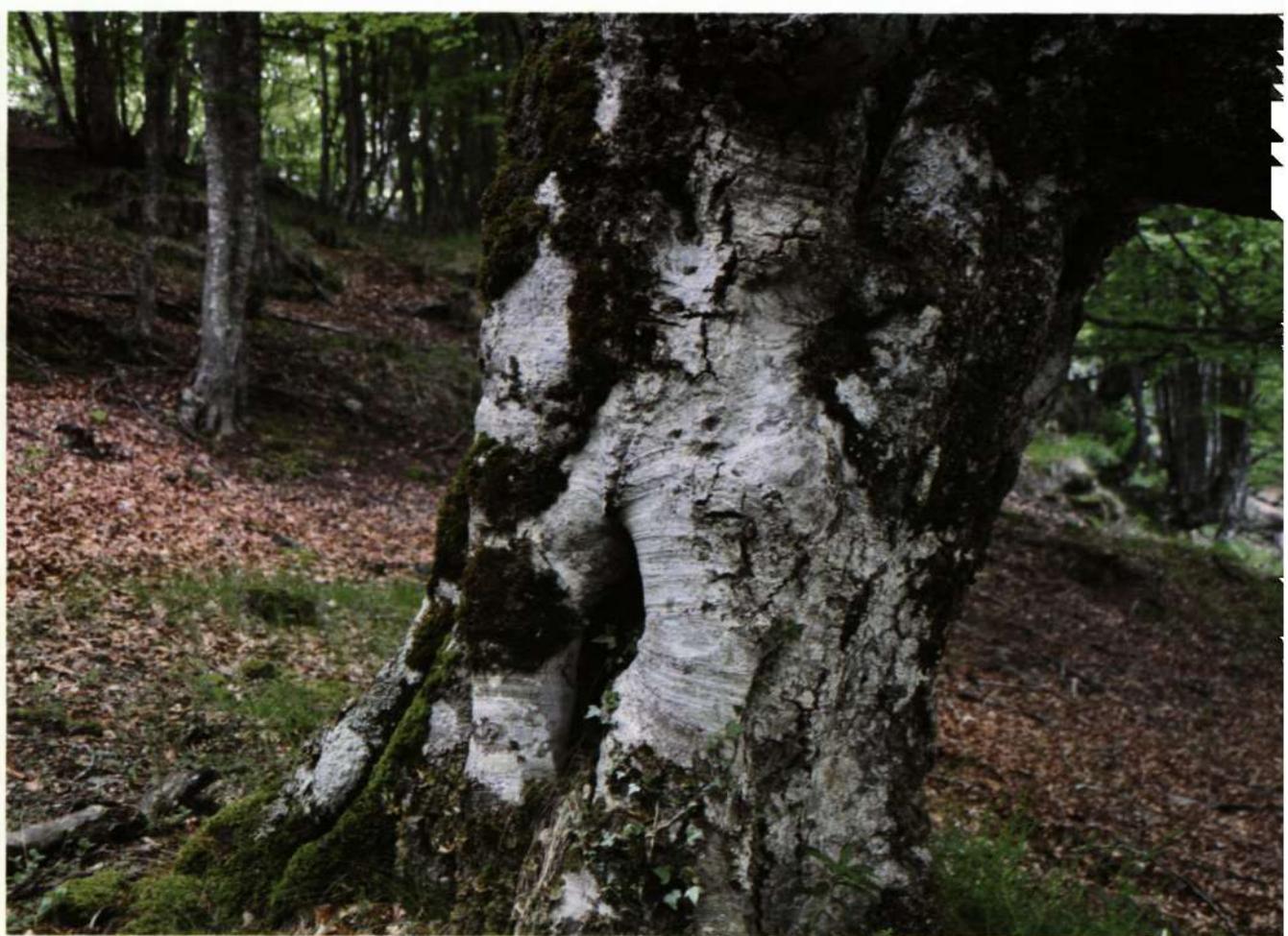
O lobo (*Canis lupus*) não beneficia, por parte dos residentes na região, da mesma imagem que o urso. Roberto Hartasánchez diz-nos que «en Somiedo hay 3 grupos familiares de lobos». Os dois predadores encabeçam uma lista interminável de mamíferos. Salientamos a ocorrência de veado (*Cervus elaphus*), reintroduzido há 40 anos, camurça (*Rupicapra rupicapra*), corço (*Capreolus capreolus*), javali (*Sus scrofa*), raposa (*Vulpes vulpes*), gato-bravo (*Felis silvestris*), gineta (*Genetta genetta*), lontra (*Lutra lutra*), marta (*Martes martes*), fuinha (*Martes foina*), texugo (*Martes martes*) e esquilo-comum (*Sciurus vulgaris*).

turas, feitas no solo), a intromissão do homem no seu habitat, a grande vulnerabilidade da espécie na altura do cio aos caçadores furtivos e até os efeitos causados pelas alterações climáticas). A confirmação desta perda constata-se pela diminuição gradual dos «cantaderos» (locais remotos onde os machos se exibem às fêmeas e cuja identificação permite um mais fácil recenseamento da espécie).

Prosseguindo no reino das aves estima-se a existência de duas parselhas reprodutoras para a espécie rainha. Em determinados locais do Parque é pois fácil avistar a majestática águia-real (*Aquila chrysaetos*). Mas, também para as aves, Somiedo é um paraíso que por isso mereceu ser considerado uma ZEPA (Zona Especial de Protecção de Aves), a pensar em espécies como o pica-pau-mediano (*Dendrocopus medius*), escasso e ameaçado, muito associado a bosques caducifólios, o fantás-

várias celebridades reconhecidas em qualquer contexto, como o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o açor (*Accipiter gentilis*), o abutre do Egipto (*Neophron percnopterus*), a águia-perdigueira (*Hieraetus fasciatus*), o falcão-abelheiro (*Pernis apivorus*) e as várias espécies de mochos e corujas. Uma colónia de grifos instalou-se recentemente em Póla de Somiedo. A cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) é outra presença assegurada.

Seria interminável uma lista exaustiva da fauna selvagem que ocorre em Somiedo e que não poderia deixar de fora outras jóias, agora nos reinos dos répteis, anfíbios e peixes. Vamos citar apenas a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), o tritão-alpino (*Triturus alpestris*), a rã-ibérica (*Rana iberica*) a víbora de Seoane (*Vipera seoane*) e a truta (*Salmo fario*) por serem excelentes exemplos. E nestas referências faunísticas não fomos para além dos vertebrados...



A lebre do piornal (*Lepus castroviejo*) merece uma referência especial por se tratar de um endemismo da cordilheira cantábrica. Com sorte, pode avistar-se nas zonas mais altas. Outras espécies menos vulgares merecem aqui especial menção. A toupeira-de-água, «desmán de los Pirineos» (*Galemys pyrenaicus*), o arminho (*Mustela erminea*), o toirão (*Mustela putorius*), o leirão-cinzento (*Glis glis*), o rato-das-neves (*Microtus nivalis*).

Somiedo também vale por ser um dos últimos redutos do galo-montês (*Tetrao urogallus*). Ao contrário do que acontece com o urso, a evolução da sua situação preocupa os naturalistas. O decréscimo da população deste espectacular galináceo é atribuído a um conjunto de factores (ocorrência excessiva de javalis e raposas fonte de destruição das pos-

tico peto-negro (*Dryocopus martius*), o pardal-alpino (*Montifringilla nivalis*), a trepadeira-dos-muros (*Tichodroma muraria*), o cartaxo-nortenho (*Saxicola rubetra*), o chasco-cinzento (*Oenanthe oenanthe*), a ferreirinha-alpina (*Prunella collaris*), a gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), a gralha-de-bico-amarelo (*Pyrrhocorax graculus*), o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), várias espécies de papa-moscas e de picanços, entre os quais merece destaque o picanço-de-dorso-ruivo (*Lanius collurio*) e a perdiz-cinzenta (*Perdix perdix*), esta última observada na nossa mais recente deslocação a Somiedo, em Junho deste ano (ver Encontros Imediatos neste número da revista). A estas preciosidades, muitas delas no extremo sudoeste da sua distribuição europeia, juntam-se

Aos leitores que queiram saber mais sobre os temas e problemáticas tratados neste artigo sugerimos uma visita a:

- . www.fapas.es
- . www.fundacionosopardo.org
- . www.osodeasturias.es

para ficar a saber o que fazem as ONGA que trabalham em Somiedo e, porque não, colaborar nas campanhas e projectos em que elas se encontram envolvidas.

Sugerimos também a consulta de vários números anteriores da **Tribuna da Natureza** onde questões ligadas à Cordilheira Cantábrica, em geral, aos seus ursos-pardos, em particular, foram já tratadas em inúmeros artigos.

Clássicos ROBINSON JEFFERS

Um pouco de não Humano

Porque se estabeleceu como a espécie dominante na Terra, que cada vez mais restringe o espaço para os seres não-humanos, o homem tende cada vez mais a ver-se apenas a ele próprio – e aos seus semelhantes, os outros humanos. Porque criou sociedades coesas e fortes e nelas vive gregariamente – o animal social de que falava a filósofa francesa Simone Weil –, o homem tende a manifestar-se cego aos outros seres que não ele. De um antropocentrismo – o homem no centro de tudo – passou-se a um antropoexclusivismo.

Como o afirmam explicita ou implicitamente várias correntes do pensamento moderno, nada mais existe ou tem valor a não ser a humanidade. Por ela, tudo se justifica. O próprio teocentrismo cristão – Deus no centro – evoluiu insensivelmente para o mesmo exclusivo «humanista». Porque o homem foi criado à imagem de Deus, tudo é legítimo se for em benefício dele, incluindo a própria destruição da obra divina.

Para quem se inquieta com essa destruição e a recusa, a onnipresença e exclusivismo humanos são o real problema. Esse excesso de um falso humanismo, porque exagerado, chega a cansar – e o repouso acaba afinal por residir nalgum mínimo, maior ou menor, contacto ou abertura ao não-humano. O que chega a ser uma condição de sanidade mental, quer para o indivíduo quer para as massas humanas. Talvez porque isso falta, podemos notar as consequências ruinosas no equilíbrio psíquico do homem contemporâneo.

Nesta aproximação ao não-humano alguns não conseguem ver mais que misantropia: o ódio ao homem. Essa acusação tem sido feita ao poeta norte-

americano Robinson Jeffers, cuja altíssima envergadura literária tem sofrido devido a esse preconceito.

Um dos muito raros escritores de todos os tempos no Ocidente que se coloca numa perspectiva não antropocêntrica, o que Jeffers na verdade faz na sua obra poética é sugerir uma certa insignificância do humano perante a totalidade cósmica, revalorizar o não-humano na pedra, no falcão e no céu estelar, mostrar que nele a alma humana pode encontrar alguma serenidade e cura. Compreende-se assim que este poeta tenha encontrado eco duradouro em certos círculos que defendem a integridade do mundo natural. Reciprocamente, alguns dos seus escritos evidenciaram e reforçaram com eloquência objectivos de preservação partilhados por esses círculos, como no caso do Big Sur, região rochosa da costa californiana, que foi para Jeffers, desde os 27 anos, morada, e onde viria a falecer em 1962.

VIDA, OBRA E PROIECÇÃO

Robinson Jeffers nasceu em 1887, perto de Pittsburgh, na Pensilvânia. A sua infância ficou marcada pela figura austera do pai, erudito exegeta da literatura e história do Antigo Testamento, e pela cultura clássica que lhe instilou desde os nove anos de idade. Aos onze anos, estudou num colégio interno na Suíça, e regressou depois à América para frequentar a universidade, tendo estudado literatura na Universidade da Califórnia do Sul. Depois de novas viagens à Europa, regressou a Los Angeles, onde estudou medicina e, mais tarde, estudou silvicultura até 1913 na Universidade de Washington.

Escrever era, no entanto, o que pretendia. Apesar da sua vocação literária, o interesse pela ciência está sempre presente na sua obra. Grande influência na sua vida teve ainda o encontro com Una Call Kuster, que após sete anos se divorciou de um próspero advogado para casar com Jeffers. O casal fixou-se na costa californiana, em Carmel Point, onde construiu a sua casa de pedra com as próprias mãos (Tor House), chegando a incorporar nela o fragmento de um meteoro.

A carreira literária de Robinson Jeffers começa verdadeiramente em 1924 com a publicação de *Tamar and Other Poems*, tendo obtido notório acolhimento. Nos anos 1920 e 1930, Jeffers foi um escritor cimeiro na América do Norte, quer para a crítica, quer para o público. Em 1932 foi chamada de capa da revista *Time*. Em 1938, um volume de 600 páginas (*The Selected Poetry*), uma selecção da sua obra, foi editado pela prestigiosa Random House. Chegou a ser considerado tão importante como Ezra Pound e T. S. Eliot. No entanto, a sua estrela viria a empalidecer até cair quase no esquecimento a partir da segunda guerra mundial. Os seus compatriotas não lhe perdoaram pelo facto de não ter embarcado no entusiasmo patriótico e belicista desses tempos. A guerra, para ele, limitava-se a confirmar o aspecto bárbaro e narcisista da «civilização» e a evidenciar até que ponto a existência humana é contingente e temporária, incluindo como espécie (segundo *Boomtown Magazine*).

Alguns não lhe perdoaram ter escrito sobre uma natureza sem o homem, ou sobre a pegada que o homem nela deixa. Segundo alguns críticos, Robinson Jeffers «é primeiramente e acima de tudo

TEXTO • José Carlos Costa Marques coordenador da revista *Ar Livre*

CLÁSSICOS DA NATUREZA 17

Robinson Jeffers Natureza

Integridade

um celebrante, mas não da humanidade. Ele apaixonou-se "fora do humano", arrebatado pela beleza do Universo, que ele vê como divino. Esse é um dos lados da sua poética, em que é um salmista do seu deus panteísta; o outro lado é um lado crítico da época moderna, uma espécie de Cassandra, voz que anuncia o desastre para as esperanças ego-cêntricas da humanidade, um profeta como Isaías, aspirando à santidade e integridade e apelando à renúncia aos falsos deuses».

A partir dos anos 1960-70, o destaque público assumido pelos problemas ecológicos suscitou um renovar de interesse pela sua obra. A expressão *Not Man Apart* (no poema «A Resposta» viria mesmo a ser o título do jornal da organização Friends of the Earth (Amigos da Terra), nos Estados Unidos.

A RESPOSTA

Qual é então a resposta? – Não se deixar iludir por sonhos, Saber que grandes civilizações se perderam na violência, e seus tiranos vieram, muito vezes antes.

Quando a violência aberta surge, evitá-la com honra ou escolher a menos feia das facções; os males são essenciais. Conservar a própria integridade, ser misericordioso e incorrupto

e não desejar o mal; e não ser logrado Por sonhos de justiça ou felicidade universais. Esses sonhos não serão cumpridos.

Sabê-lo, e saber que por mais feias que as partes pareçam o todo permanece belo. Uma mão decepada É uma coisa disforme, e o homem desuniu-se da terra e das estrelas,

e a sua história... em projecto ou em factos...

muitas vezes surge de uma fealdade atroz. Integridade é o todo,

a grande beleza é

O todo orgânico, a integralidade da vida e das coisas, a divina

beleza do universo. Ama isso, e não o homem Separado disso, ou então partilharás as confusões lamentáveis

do homem, ou afogar-se-á ele no desespero quando seus dias escurecerem.

FONTES

The Collected Poetry of Robinson Jeffers, edited by Tim Hunt, Standard University Press (obra completa em cinco volumes)

crcxnm, edited by Tim Hunt, Stanford University Press

Boomtown Magazine: <http://boomtownmag.com/articles/200003/jeffers.htm>

Jeffers Studies: <http://www.jeffers.org/> (Robinson Jeffers Association)

Robinson Jeffers' Life and Career, Arthur B. Coffin: http://www.english.uiuc.edu/maps/poets/j_g_j/jeffers/life.htm

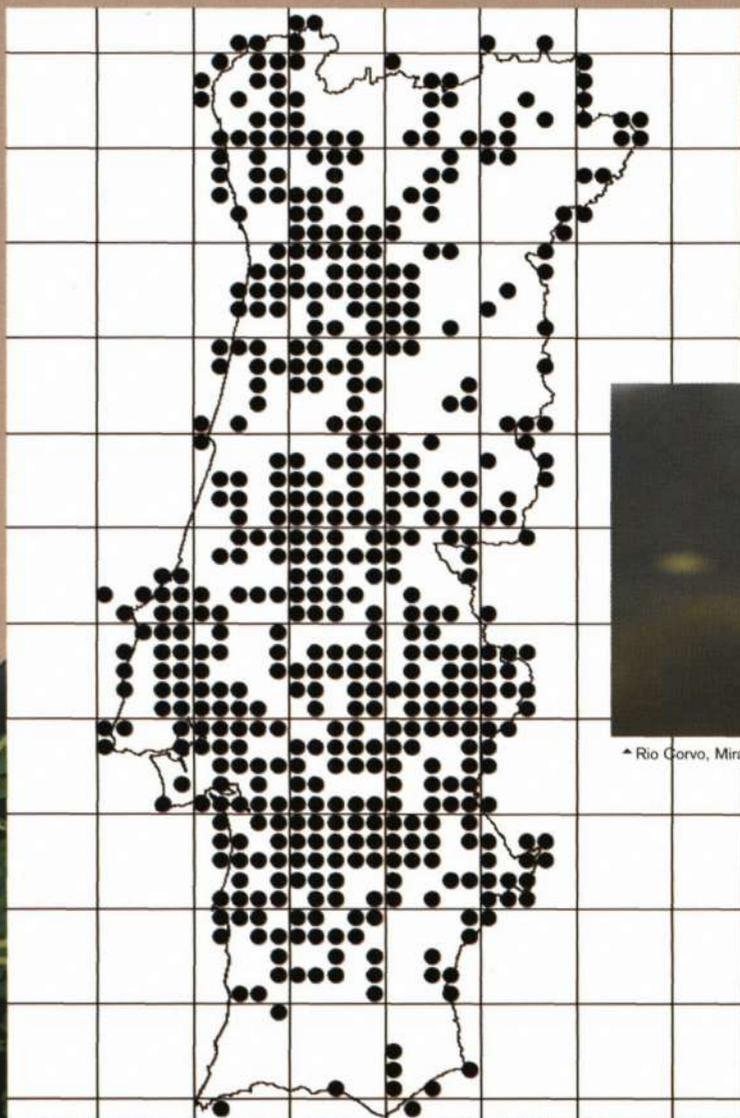
in Such Counsels You Gave to Me (1935-36)

Continua na última página

TRIBUNAL

nesta primavera em poucas palavras...

Libélulas - desertos de informação



← Rio Corvo, Miranda do Corvo, Pç. do Município, 08-2008 | Raul Lima

Durante a última década o interesse e curiosidade sobre a fauna de Libélulas na Europa verificou um crescimento notório, perceptível por exemplo pelo aumento considerável no número de voluntários que se dedicam ao seu estudo assim como o aumento do número de guias de campo publicados em diversas línguas. A relevância dos Odonatos como bioindicadores da qualidade dos habitats tornou-se amplamente reconhecida e ocupam actualmente um papel importante nas estratégias de conservação da natureza em diversos países europeus.

Visando promover o interesse por este grupo e incrementar o seu conhecimento, nos finais do ano de 2005 teve início um projecto que resulta da colaboração entre numerosos especialistas e associações que se dedicam ao estudo do grupo, com vista à elaboração de um Atlas Europeu de Libélulas em 2010.

Em Portugal o conhecimento sobre este grupo é ainda escasso relativamente às áreas de distribuição das espécies e mais de 50% do território nacional não possui qualquer registo de ocorrência de libélulas (assinalado no mapa a preto)!

O que lhe propomos é que participe neste projecto e ajudar a melhorar o conhecimento sobre as libélulas de Portugal. Como? É simples e vai ver que não é preciso ser um especialista para participar! Tem fotos de libélulas? Conhece locais com muitas espécies? Contacte-nos, a sua participação é essencial para reduzir a falta de informação existente!

E-mail: libelulaspt@gmail.com

Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO-UP) Campus Agrário de Vairão; R. Padre Armando Quintas, Crasto 4485-661 Vairão.

Para mais informações visite: www.naturalis.nl/europeandragonflies

SÓNIA FERREIRA

ENCONTROS IMEDIATOS NA NATUREZA

registo TN 41 Grifos (*Gyps fulvus*)

Data: 2008, Abril, 25

Local: Serra da Peneda, Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Hora e duração: Entre as 18h21m e as 19h05m, duas vezes.

Distância: variável, entre 1 e 3 km.

Condições atmosféricas: céu limpo, tempo quente.

Observadores: Pedro Rebelo e Miguel Dantas da Gama.

Outros dados: Neste dia já tínhamos avistado águia-real e falcão-peregrino surgidos logo após uma das habituais «escaramuça» com que se mimoseiam estas duas espécies. No varrimento do céu com os binóculos «apanhámos» quatro aves que, apesar da grande distância, nos pareceram tratar-se de algo (ainda) relativamente especial nestas paragens, principalmente no mês de Abril. Antecedendo a confirmação que pouco depois se tornou fácil, logo nos pareceram 4 grifos, ora voando (sobrepostos) dois a dois, ora reagrupando-se os quatro, para evoluírem nos seus lentos e característicos «soarings» circulares. Depois baixaram da grande altura em que encontravam, deixando-nos com a ideia de terem pousado para pernoitar.

Em 3 de Maio, 14 de Junho, 28 de Junho e (com Raul Lima) 5 de Julho voltámos a avistar esta espécie na mesma zona do Parque Nacional (respectivamente 4, 2, 4 e 1 indivíduos).

FORMATIVA

NATUREZA NOTAVEL

TEXTO E FOTOGRAFIA • Luis Rodrigues • Luísa Marques
Cirurgião de Árvores • Bióloga

O FREIXO DE VERMOIM

Estudos da Faculdade de Ciências do Porto atribuem-lhe mais de 600 anos, mas há documentos que, segundo o Diagnóstico Social da Maia, lhe permitem atribuir mais de oito séculos de vida. Este vetusto freixo-europeu (*Fraxinus excelsior* L.) terá sido plantado pelos monges do mosteiro de Vermoim, fundado no século X, já desaparecido. A árvore é um «símbolo» de Vermoim e está representado no brasão da freguesia.

O freixo está situado no largo em frente da igreja de Vermoim, concelho da Maia.

O seu tronco oco tem cerca de 2,5 metros de diâmetro (a 1,3 metros do solo), 8 metros de diâmetro de copa e cerca de 10 metros de altura.



ESPAÑA: DESCOBERTO ESCARAVELHO QUE COME E ENTERRA BOLOTAS

Investigadores espanhóis descobriram a primeira espécie de escaravelhos capaz de arrastar, enterrar e consumir bolotas, uma acção que para além de facilitar a germinação das sementes deste fruto, também as protege de predadores como aves ou roedores. Após enterrar as bolotas, os escaravelhos da espécie *Thorectes lusitanicus* começam a comer a parte que está mais afastada do embrião, mas não a consomem por completo, pelo que as sementes continuam a poder gerar novas plântulas.

Alguns coleópteros chegam a refugiar-se dentro dos frutos durante o inverno. Apesar da sua dieta incluir bolotas de sobreiro, azinheira e carvalho, estes escaravelhos preferem as de sobreiro, explicou Jorge Lobo, co-autor do estudo realizado pelo Centro Superior de Investigações Científicas, em parceria com a universidade de Alicante. A equipa de investigadores acredita que estes escaravelhos preferem as bolotas por estas terem um alto teor de ácidos gordos essenciais, estando provado que os *Thorectes lusitanicus* alimentados por este fruto mostram taxas de actividade maiores, óvulos mais desenvolvidos e uma melhor resistência ao frio.

O género *Thorectes* inclui 43 espécies de escaravelhos, das quais 20 se encontram no território ibero-baleár, não possuem asas e estão adaptados ao consumo de fezes de vertebrados e outros detritos em decomposição. Segundo os investigadores, «agora é necessário calcular que percentagem de bolotas enterradas geram novas plantas» e saber «se a taxa de germinação depende da composição vegetal e da presença de vertebrados herbívoros».

Luis Rodrigues



PRÓXIMO VERÃO

- ▶ Crocodilos no Sara: os últimos sobreviventes ao deserto
- ▶ Yellowstone
- ▶ Costa Vicentina: paisagens ameaçadas

ENCONTROS IMEDIATOS NA NATUREZA

Registo TN 42 Perdiz-cinzenta (*Perdix perdix*)

Data: 2008.Junho.8

Local: Valle de Sañedo, perto do Alto La Farrapona (1709 m), fronteira entre as províncias de León e Somiedo, León, Espanha.

Hora e duração: 15h, durante três minutos.

Distância: cerca de 20 m.

Condições atmosféricas: céu encoberto, vento moderado, 9 °C. Neve recente (noite e manhã) em alguns cumes próximos.

Observadores: Afonso Lima, Cristina Dordio, Liên Bui, Raul Lima.

Outros dados: No lento regresso pela estrada de terra batida que vai de Torrestio (León) ao Alto La Farrapona (Somiedo), um casal de perdizes-cinzentas próximo, sobre a estrada, faz-nos parar o carro. O comportamento tranquilo delas, parecendo ignorar a presença do automóvel, sugere a tentativa de obtenção de uma fotografia com o equipamento mais à mão. Felizmente a mini-teleobjectiva estava montada e foi só o tempo de, lentamente, abrir a porta e fotografá-las. Uma mais tímida esgueirou-se para o mato, mal se deixando ver. O outro exemplar, mais confiante, posou de forma amadora mas eficaz, permitindo-nos fotografá-lo até ao instante em que um erro (amador?!) precipitou a sua espalhafatosa (perfidia) fuga: a porta, deixada propositadamente aberta, bateu violentamente com o vento. Às escassas fotos realistas seguiram-se assim uma ou duas impressionistas... Valeu o momento, pelo menos, pela oportunidade de observar uma ave ora extinta do nosso país (comumente designada por «charrela», no Alto Minho) mas que, esperemos, um dia a ele possa regressar, naturalmente ou por programas de reintrodução.

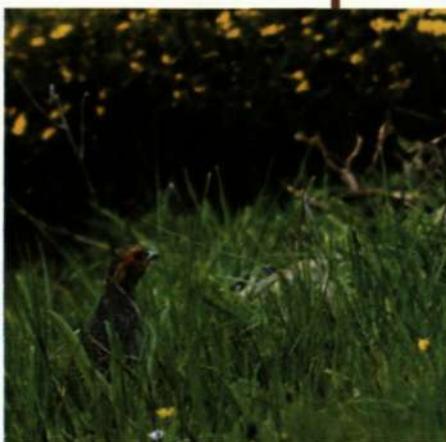


FOTO | Raul Lima

Se possui observações relevantes de espécies selvagens (fauna e flora) ou situações insólitas que as envolvam, escreva-nos, indicando todos os elementos possíveis para a melhor caracterização do encontro. A sua informação, individualmente importante, revelar-se-á mais ainda quando cruzada e confrontada com outras.

OH, ROCHA AMORÁVEL

Passámos a noite no desfiladeiro que caminho algum atravessa por onde corre o regato de Ventana, acima da bifurcação de Oriente.
As paredes rochosas e as cumeeiras das montanhas suspendem floresta
atrás de floresta sobre as nossas cabeças, áceres e sequoias,
Loureiros, carvalhos, medronheiros, até lá em cima junto aos altos e esbeltos
pinheiros de Santa Lucia que se erguem por sobre as cataratas
De rochas glaciares até aos precipícios da cor das estrelas.
Deitamo-nos no saibro e acendemos uma fogueirinha para nos aquecermos.
Após a meia-noite, apenas duas ou três brasas resplandecem, vermelhas,
na escuridão que se vai tornando fria; estendo uma camada de folhas secas de louro
nas brasas que se extinguem e entrelacei gravetos secos pelo meio delas,
e volto a deitar-me.
A chama reavivada
Iluminava o rosto de meu filho adormecido e o do seu companheiro, e a face vertical
da grande parede do desfiladeiro
Do outro lado da corrente. Folhas leves dançavam no ar ao sopro do fogo,
viam-se troncos de árvores; era a parede rochosa
Que me fascinava os olhos e o espírito. Nada de estranho: diorite cinza-claro
com dois ou três traços oblíquos ao longo dos seus veios,
Docemente polida pelo atrito sem fim dos gelos deslizantes e das
enxurradas; não se vêem nem fetos nem líquenes, apenas pura rocha nua... como se eu estivesse
A ver rocha pela primeira vez. Como se eu estivesse a ver,
através da superfície iluminada pelas chamas, a própria
Rocha real corpórea e viva. Nada de estranho... Não consigo
Dizer-vos o estranho que é: a paixão silenciosa, a nobreza
profunda e a beleza do amor como o das crianças: este destino que prossegue
Por fora dos nossos destinos. Aqui, na montanha, como uma criança
que gravemente sorri. Eu morrerei e os meus filhos
Hão-de viver e morrer, o nosso mundo avançará através
das suas rápidas agonias de mudanças e descobertas, esta época morrerá,
E os lobos terão uivado na neve em redor
de uma nova Belém: esta rocha aqui estará, grave, séria,
não passiva: as energias
Que os seus átomos são, aí continuarão ainda a suportar toda a montanha acima dela: e eu, séculos e séculos antes disso,
Eu senti a sua intensa realidade cheio de amor e maravilha, esta
rocha solitária.

in Such Counsels You Gave to Me (1935-38)

MONTES PARA ALÉM DOS RIOS

Ribeiros das serranias litorais, veios do meu corpo que não morrerão
Quando este espírito for nada e esta carne nova escória e o olho ansioso
Sugar o seu último fôlego e ficar ébrio de escuridão – contento-me por pensar no fim,
Alegro-me que morte alguma vos arrastará, cumes e vertentes, a essa paz.
Nem a falha do sangue te fará desfalecer nem as suas febres sufocar,
Ribeiros das ravinas que são minhas artérias, cabelo da floresta e corpo da rocha.
Se daqui a muito tempo e após mil longos milénios vos afundardes
Irei também, então o que de mim restar, e a dança sem fim dos sóis continua.
Por isso me afastei das altas lâmpadas e limitei aos montes humildes o meu amor.
Sois, doces, imortalidade bastante, identidade bastante.
.... Enquanto dura a vida alegro-me com a cintura de pedras de minha própria casa. De
janelas que abrem para oeste sobre água salgada e para sul sobre os rebordos
alcantilados das serranias ao longo da costa,
Muralhas de uma rocha acima do mar, e êxtase de granito que sua própria
Estreiteza mantém lavado do muito que perturba homens mais afortunados.

in Unpublished Poems